

STEIN, Ernildo. *Inovação na Filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí. Coleção Filosofia 38, 2011.

Foi publicado, recentemente, pela Editora Unijuí, o livro *Inovação na Filosofia* do Prof. Ernildo Stein (PUCRS). A obra capta algo que está pairando sobre os nossos investimentos acadêmicos, os desafios e as demandas que nos espreitam. É indiscutível o repto proveniente da ampliação da pós-graduação em Filosofia, da obrigatoriedade da Filosofia no ensino médio, dos *media*, especialmente a WEB, na pesquisa, no ensino, na divulgação e na extensão filosófica hoje. Essa situação, somada ao contexto da globalização da economia, do conhecimento e da técnica, fonte maior de extração da mais valia e da organização da vida e do capitalismo contemporâneo, constituem o pano de fundo das importantes indagações levantadas pelo livro em pauta. Esses eventos facilitaram o aparecimento da prática da interdisciplinaridade que está alterando nosso cotidiano, provocando a quebra das torres de marfins que nos enclausuravam e questionando a prática corporativa, por vezes autista e/ou autofágica, da pesquisa e das demais atividades filosóficas. Pensar o modelo da formação e da atividade filosófica, a partir de uma perspectiva nova de diálogo, com as várias atividades humanas, mormente as especialidades do conhecimento, é o horizonte a partir do qual o tema da inovação na Filosofia é articulado pelo autor.

Ancorado numa vasta experiência de filósofo e de professor de Filosofia, o autor reflete sobre o tédio, o mimetismo e o isolamento das práticas acadêmico-filosóficas. Questionando a falsa profundidade das repetidas leituras do cânone filosófico, mostra o quanto a autonomia filosófica serviu para isolar e proteger o trabalho interpretativo do sopro do mundo, das dores e das alegrias de viver. Contudo, ao mesmo tempo, o autor alimenta uma

expectativa de fugir do tédio das constantes repetições que ocorrem em geral nos trabalhos acadêmicos e na atividade acompanhada por orientadores e professores de Filosofia [...] e uma fantasia de ver despontar posições e argumentos que pudessem surpreender os ambientes acadêmicos, mesmo que surgissem em seu contexto [...] de tal modo que disso resultassem novos modos de pensar e se expressar daqueles que se dedicam ao trabalho teórico na Filosofia. (p. 16).

Segundo Stein, a redução da pesquisa em Filosofia a um retorno à história da Filosofia é o primeiro grande obstáculo a ser superado para que haja renovação na Filosofia. Os sistemas, as escolas, as tradições de pensamento têm uma capacidade enorme de amortecer e neutralizar o novo. Somente a imersão dos filósofos na cultura que os

* Doutor em Filosofia e Professor da UFC.

cercam e a tomada de consciência do ambiente científico em que estão situados poderão levá-los a mudar de comportamento. Conforme o autor, decisivo, para a inovação na Filosofia, será o contato dos filósofos com os campos das ciências particulares, num caminho de mão dupla entre Filosofia e conhecimento científico.

A formação dos nossos pós-graduados tem seguido o modelo ultrapassado dos demais campos das ciências e tem se organizado para formar o especialista, conhecedor de uma pequena fatia de textos filosóficos. O trabalho de interpretação de textos mostra-se insuficiente em razão do surgimento dos novos instrumentos na era da informação e das novas tecnologias. Houve uma multiplicação de novos espaços teóricos e de temas, de novos modos da humanidade conviver, novo contexto de formas de integração trazidas pela globalização. Isso provocou uma ação rápida e direta sobre o trabalho da Filosofia, embora essa nova complexidade não tenha seus efeitos imediatos naqueles que estão ocupados com o ensino da Filosofia. O fato é que não basta mais ser um especialista bem informado na Filosofia, pois as funções que o filósofo terá de exercer, no seu trabalho, vão bem além das atividades de um especialista. Ele terá de descobrir o que é relevante para Filosofia hoje. Constitui-se, assim, uma nova paisagem filosófica, surgem novas ideias e desafios aos modos de fazer Filosofia.

Nesse novo contexto, o conhecimento circula livremente e a universidade não é mais a detentora exclusiva das informações e do conhecimento. Hoje o mundo não é mais comandado por instituições de conhecimento. Vivemos numa época em que a forma de saber constitui-se basicamente por uma circulação ilimitada de informação. Os filósofos devem ser preparados para lidar com a situação atual na qual, devido à circulação da informação, os cidadãos estão bem informados. Isso exige que o pesquisador de Filosofia seja mais que especialista ou perito, deve ser um "poliperito". O filósofo-poliperito é capaz de emitir um parecer não apenas baseado no conhecimento dos

textos de sua especialidade, mas, também, a partir de informações provenientes de outras áreas do saber e da cultura em geral em que está situado. Sua atividade de pesquisa não visa apenas à reprodução de um modesto quadro informativo em Filosofia, agrega, além disso, saberes de outras áreas e, assim, dialoga e tem acesso às questões provenientes de diversos setores do conhecimento. Acabou a era do especialista em Filosofia. Ser filósofo hoje é ser capaz de ir além da própria Filosofia e se mover pelos saberes dos outros. Não é mais suficiente a informação sobre os filósofos, os temas e a História da Filosofia. O titulado em Filosofia terá de ser contemporâneo dos grandes debates do seu tempo. O estudo da Filosofia aumentará o potencial do seu estoque do saber não por meio de uma atividade de filosofar solitária e, sim, pelo diálogo e a discussão *inter e extra pares*.

A renovação da formação do titulado em Filosofia, na direção do "poliperito", exigirá várias combinações e convergências. Em especial, será necessária a agregação de distintos conhecimentos que complementem a formação do filósofo especialista. Essa ampliação será obtida no confronto com o conhecimento científico e no convívio com especialistas de diferentes campos de atuação, fora do âmbito simples da operação de interpretação e discussão de textos. A especificidade da Filosofia será garantida no espaço de discussão e não do isolamento. A Filosofia deverá dizer a que veio num espaço teórico interdisciplinar e não mais como a rainha, a instância isolada, acima ou na base dos demais saberes. Papéis e posições novas serão conquistados no embate dos discursos, no entrecruzamento de posições que se estibarão nas razões e nas justificações postas em circulação na comunidade do conhecimento.

Essa nova prática exigirá a superação da ideia de superioridade metodológica da Filosofia e da sua autossuficiência. A Filosofia, desse modo, lidará com as ciências na forma de complementaridade das razões, sem conclusões absolutas e sem posição privilegiada. Por isso, mais importante do

que o consenso sobre hipóteses ou axiomas será a criação de espaços interdisciplinares de discussão. O campo específico da Filosofia, o seu *a priori*, hoje, é o campo das razões cunhadas na boa argumentação, na interpretação e nas discussões que dispensam a absolutização de uma posição. Essa é uma postura apropriada para provocar uma abertura da Filosofia às demais ciências, resolver o problema do conhecimento e encontrar uma ponte entre as nossas representações e as das ciências e o mundo.

Isso não significa a aceitação do aligeiramento e da superficialização da formação filosófica. Esse perigo é detectado pelo autor. Ele questiona o prestígio conquistado por quem é capaz de articular soluções com informações rápidas. A adaptação da produção filosófica à produção de *papers* levou à renúncia a um padrão de trabalho que implica em amplas pesquisas de bibliografia em diversos idiomas. Isso tem levado a modos de organização e de modelos de ensino que reduzem o aprofundamento na Filosofia. O desafio é: conservar a profundidade filosófica e favorecer o contato com a amplitude do saber. Isso é mais do que uma "interdisciplinaridade de final de semana" ou apenas formal, na qual se entrecruzam formalmente pesquisas isoladas e individuais. Esse novo modo torna possível o vir à tona do interesse em compartilhar posições e razões para além dos saberes encastelados nas práticas tradicionais. Essa interdisciplinaridade não é resultado de uma fabricação, não é algo que possa ser artificialmente produzido, deve resultar de uma disposição pessoal que aos poucos irá penetrar e será acolhida institucionalmente. Se as ciências lidam com objetos, realizam experimentos, propõem soluções para os problemas dos homens, os filósofos podem dialogar com eles a partir da problematização dessas soluções (p. 110). Para isso, deve deixar de lado a compreensão de si como juiz ou instância superior e assumir uma postura de interlocutora e de parceira do conhecimento.

O autor vê na reviravolta transcendental kantiana, na passagem da natureza

para o sujeito como paradigma filosófico, um momento de inflexão, capaz de nos apontar que a inovação, na Filosofia, sempre esteve presente e caminha *pari passu* com o olhar retrospectivo. Vale dizer, outro humor, além da melancolia, pode dar o tom do filósofo. Nesse sentido, Stein aponta o giro linguístico como postura fundamental para quem se propõe a filosofar nos dias de hoje. A perspectiva transcendental complementa-se e atualiza-se na postura hermenêutica e analítica. O *a priori* linguístico-compreensivo é o horizonte, segundo o autor, que está mais apropriado para acolher a demanda atual de abertura e de inovação do filosofar e da Filosofia em tempos pós-modernos. Nesse horizonte, a atividade filosófica não é apresentada como busca de um fundamento absoluto, mas de dar e de trocar razões que podem ser compreendidas como um movimento conversacional (p. 65). Isso implica uma nova forma de relação com o cotidiano e com a linguagem. O filosofar está enraizado nas formas socialmente aprendidas e nos diversos jogos de linguagem e, diz respeito, não apenas a uma história trans-histórica da Filosofia. O procedimento viciado da análise interna dos textos deve ser contrabalançado com o enraizamento do filósofo em seu tempo, na sua cultura e no seu mundo. Essa é a nova plasticidade intelectual exigida dos que pretendem trabalhar com o pensamento filosófico hoje (p. 72).

Segundo o autor, a prática da Filosofia inclina-se a produzir dois tipos de obra: a sistemática e a inovadora. Paradigmáticas, nesse sentido, são *Verdade e Método*, de Hans-Georg Gadamer, e *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. Esse faz entrar, no seu texto, o espaço em que o vivido projeta-se num nível existencial, para além da duplicação dos mundos na Filosofia tradicional. A ideia era a de que, de alguma forma, o filósofo pudesse sentir-se em casa no mundo. Já Gadamer tem uma pretensão sistemática, a de encontrar a historicidade que determina toda cultura e todo vivido, entretanto, "no final, nada de História aprendemos no seu texto". A busca de Heidegger é explicitar o horizonte do ser pre-

sente no cotidiano do mundo da técnica e do progresso, já a de Gadamer, é realizar a síntese de todos os projetos interpretativos da hermenêutica.

Esses são exemplos de obras escritas por dois tipos de filósofos: os descobridores e os inventores. Os primeiros enriquecem a história da Filosofia, os últimos são inovadores, percebem novos problemas e novos paradigmas de abordagem do real. A inovação envolve tanto mudança teórica quanto das práticas. O filósofo inventor produz novos conceitos, ressignifica as categorias e torna a Filosofia contemporânea do presente. No filósofo inventor, a produtividade dos textos surge de uma abordagem externa ao texto, mas não à Filosofia. Trata-se do confronto do texto com a cultura e o mundo do intérprete. Gadamer é descobridor, Heidegger é inventor.

Esses são os principais delineamentos que colhemos em *Inovação na Filosofia*, de Ernildo Stein. Muitos outros aspectos poderiam ser debatidos. Escolhemos esses porque incidem diretamente sobre o conceito de Filosofia e tem implicações diretas na concepção de formação do titulado em Filosofia. Estamos diante de um livro que

abre caminhos, aponta direções e assume riscos. Afinal de contas, o tema da inovação é proveniente do ambiente tecnicista, ansioso por novidade, bem distante da *philosophia perennis* ambicionada pela tradição filosófica. Trazer a discussão sobre a inovação para o campo da filosofia é, em si mesmo, inovador. Contudo, a maior contribuição do livro não é apresentar receitas, mas socializar uma reflexão sobre um assunto que merece mais atenção da comunidade nacional formadora em Filosofia. Trata-se de um problema e de um tema espinhoso, cuja solução não é apenas teórica, pois exige alterações institucionais e, principalmente, mudanças pessoais.

Por último, vale salientar que ficamos perplexos com a ênfase dada à interdisciplinaridade e, portanto, ao conhecimento formal como ponto de partida para pensar a inovação filosófica. A existência, o psíquico, campos frequentados pelo autor, a política e demais aspectos da vida terão de passar pela formalização lógico-cognoscitiva para provocar o *thaumadzein*, o espanto filosófico? Desconfiamos que não. O mérito maior do livro foi lançar a discussão, o aprofundamento do assunto é uma tarefa que cabe a todos nós.